





**Obra publicada pela  
Universidade Federal  
de Pelotas**

*Reitor*

Pedro Rodrigues Curi Hallal

*Vice-Reitor*

Luis Isaías Centeno do Amaral

*Direção de Gabinetes da Reitoria*

Taís Ullrich Fonseca

*Pró-Reitora de Ensino*

Maria de Fátima Cossio

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação e Inovação*

Flávio Fernando Demarco

*Pró-Reitora de Extensão e Cultura*

Francisca Ferreira Michelon

*Pró-Reitor de Assuntos Estudantis*

Mário Renato de Azevedo Jr.

*Pró-Reitor Administrativo*

Ricardo Hartlebem Peter

*Pró-Reitor de Gestão da Informação e Comunicação*

Julio Carlos Balzano de Mattos

*Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento*

Otávio Martins Peres

*Pró-Reitor de Gestão de Pessoas*

Sérgio Batista Christino

*Editora e Gráfica Universitária - Conselho Editorial*

*Pres. do Conselho Editorial:* João Luis Pereira  
Ourique

*Repr. das Engenharias e Computação:* Darci Alberto  
Gatto

*Repr. das Ciências Biológicas:* Flávio Roberto Mello  
Garcia e Marines Garcia (suplente)

*Repr. das Ciências da Saúde:* Francisco Augusto  
Burkert Del Pino e Claiton Leoneti Lencina  
(suplente)

*Repr. das Ciências Agrônômicas:* Cesar Valmor  
Rombaldi, Guilherme Albuquerque de Oliveira  
Cavalcanti (suplente) e Fabrício de Vargas  
Arigony Braga (suplente)

*Repr. das Ciências Humanas:* Márcia Alves da Silva  
e Cláudio Baptista Carle (suplente)

*Repr. das Ciências Sociais Aplicadas:* Carla Rodrigues  
Gastaud

*Repr. das Linguagens e Artes:* Josias Pereira da Silva  
e Eleonora Campos da Motta Santos (suplente)

*Instituto de Ciências Humanas*

*Diretor:* Prof. Dr. Sebastião Peres

*Vice-Diretora:* Profa. Dra. Andréa Lacerda  
Bachettini

*Núcleo de Documentação História da UFPel – Profa.  
Beatriz Ana Loner*

*Coordenadora:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

*Membros do NDH:*

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

*Técnico Administrativo:*

Paulo Luiz Crizel Koschier

*História em Revista* – Publicação do Núcleo de Documentação Histórica

*Comissão Editorial:*

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes  
Prof<sup>a</sup> Dra. Lorena Almeida Gill

*Conselho Editorial:*

Prof<sup>a</sup> Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)  
Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)  
Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)  
Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)  
Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos Aires).  
Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

*Editores:* Angela Beatriz Pomatti, Éverton Reis Quevedo, Véra Lucia Maciel Barroso

*Editoração e Capa:* Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa:* Théobald Chartran(1849-1907) Laennec, no Hospital Necker, ausculta um tísico na frente de seus alunos ( 1816 ) (1889), mural, Salle Péristoryle da Sorbonne.

*Pareceristas ad hoc:* Marcelo Vianna (IFRS) | Luciana da Costa de Oliveira (UNISINOS) | Cristiano Enrique de Brum (PUCRS) | Ana Paula Korndorfer (UNISINOS) | Marlise Maria Giovanaz (UFRGS) | Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS) | Joana Carolina Schossler (UNICAMP) | Danielle Heberle Viegas (UNILASALLE) | Micaele Irene Scheer (UFRGS) | Zingaro Homem de Medeiros (UFRGS) | Aristeu Elisandro Machado Lopes (UFPel) | Eduarda Borges (UFRGS) | Marcia

Regina Bertotto (UFRGS) | João Gabriel Toledo Medeiros (UNISINOS) | Rodrigo de Azevedo Weimer (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Jonas Moreira Vargas (UFPel) | Clarissa de Lourdes Sommer Alves (Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul) | Regina Célia Lima Xavier (UFRGS) | Leonardo de Oliveira Conedera (UDESC) | Beatriz Teixeira Weber (UFSM).

*Editora e Gráfica Universitária*

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 | Fone/fax: (53)3227 8411  
e-mail: [editora@ufpel.edu.br](mailto:editora@ufpel.edu.br)

*Edição:* 2020/2

ISSN – 2596-2876

*Indexada pelas bases de dados:* Worldcat Online  
Computer Library Center | Latindex | Livre:  
Revistas de Livre Acesso | International  
Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai  
| Zeitschriften Datenbank

**UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas**

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208 -

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: [ndh.ufpel@gmail.com](mailto:ndh.ufpel@gmail.com)

**\* obra publicada em janeiro de 2021.**



**Dados de catalogação na fonte:**

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de Documentação Histórica.  
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.  
v.26/1, (dez. 2020). – Pelotas: Editora da UFPel, 2020.

1v.

Semestral

ISSN 2596-2876

1. História - Periódicos. I. Núcleo de Documentação Histórica.  
Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

---

Os textos contidos neste volume são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores. Salvo informação explícita em contrário, o(a)(s) autor(a) (es) respondem pelas informações textuais e imagéticas contidas no presente volume. O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada artigo é de inteira e exclusiva responsabilidade dos mesmos.

## SUMÁRIO

### DOSSIÊ: HISTÓRIA DA SAÚDE, DAS DOENÇAS E DA ASSISTÊNCIA

#### APRESENTAÇÃO

##### INTRODUCTION

*ANGELA BEATRIZ POMATTI, ÉVERTON REIS QUEVEDO, VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO* 8

#### SAÚDE TEM HISTÓRIA 12

ENTRE DIFERENÇAS E SIMILARIDADES: UM ESTUDO COMPARATIVO A RESPEITO DOS OLHARES SOBRE A “SAÚDE” E A “DOENÇA” EM “MANUAIS DE MEDICINA POPULAR”, HOMEOPÁTICOS E ALOPÁTICOS, DE FINAIS DO OITOCENTOS 13

*ANDRÉ PORTELA DO AMARAL*

CIRCULACIÓN, PRÁCTICAS Y MEDICINA POPULAR. EM REFLEXIÓN SOBRE EL CURANDERISMO EM EL SIGLO XIX ARGENTINO 32

*ASTRID DAHHUR*

“O EXERCÍCIO DE CURAR SUPÕE O HÁBITO E COSTUME DE O FAZER”: BOTICAS E BOTICÁRIOS NO OITOCENTOS NO BRASIL MERIDIONAL 45

*PAULO STAUDT MOREIRA E NIKELÉN ACOSTA WITTER*

SOBRE AS VIRTUDES MEDICINAIS DOS INSETOS NA OBRA *PARAGUAY NATURAL ILUSTRADO* DE JOSÉ SÁNCHEZ LABRADOR S. J. (1776-1776) 67

*ELLANE CRISTINA DECKMANN FLECK*

DO TRANSPLANTE DE ÓRGÃOS À ENGENHARIA DE TECIDOS: A HISTÓRIA QUE TEM REVOLUCIONADO A MEDICINA E SALVADO VIDAS 90

*LAURA SCHÄFER E MARIA HELENA ITAQUI LOPES*

#### DOENÇAS E HISTÓRIAS 105

AS DOENÇAS E O ATENDIMENTO AOS ENFERMOS NOS PRIMÓRDIOS DA OCUPAÇÃO DO CONTINENTE DE SÃO PEDRO (SÉCULO XVIII) 106

*ROGÉRIO MACHADO DE CARVALHO*

“MUI SEÑOR MIO, DESPUES DE HAUER RECONOZIDO LAS MEDIZINAS, PARESE QUE HA ENCONTRADO DE MENOS TODO LO QUE PARESE SU PAPEL”: UM ESTUDO SOBRE OS TUMORES NO PARAGUAI COLONIAL (SÉC. XVII-XVIII) 124

*BERNARDO TERNUS DE ABREU*

O FENÔMENO IMIGRATÓRIO E O CONTROLE DO TRACOMA: REPERCUSSÕES DA DOENÇA 146

*LEONOR C. BAPTISTA SCHWARTSMANN*

PÁGINAS DE UM SABER MÉDICO: A PRESENÇA DA TUBERCULOSE EM TRABALHOS PUBLICADOS NO ARCHIVOS RIO-GRANDENSES DE MEDICINA	<b>163</b>
<i>BRUNO CHEPP DA ROSA</i>	
CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO “GRIPE ESPANHOLA: A MARCHA DA EPIDEMIA” DO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL	<b>186</b>
<i>ANGELA BEATRIZ POMATTI E GLÁUCIA G. LIXINSKI DE LIMA KULZER</i>	
HISTÓRIA, MEMÓRIA E COMPORTAMENTOS SOCIAIS EM TEMPOS DE COVID-19	
<i>JANETE ABRÃO</i>	<b>209</b>
“SINTO FALTA DE ABRAÇOS”: OS IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA COTIDIANA DOS ALUNOS E ALUNAS DA UFPel	
<i>QUEZIA GALARCA DE OLIVEIRA, MILENA DA SILVA LANGHANZ E LORENA ALMEIDA GILL</i>	<b>230</b>
<b>INSTITUIÇÕES E ASSISTÊNCIA: TRAJETÓRIAS</b>	<b>240</b>
A SUPERLOTAÇÃO DO HOSPITAL PSIQUIÁTRICO SÃO PEDRO: IMPLICAÇÕES NA INTERNAÇÃO DE CRIANÇAS E JOVENS ENTRE OS ANOS DE 1932 E 1937 (PORTO ALEGRE/RS)	
<i>LISIANE RIBAS CRUZ</i>	<b>241</b>
ESTIGMA DA LEPROSA: O MANEQUIM LÁZARO NA EXPOSIÇÃO DO MEMORIAL DO HOSPITAL COLÔNIA ITAPUÃ	
<i>HELENA THOMASSIM MEDEIROS, JULIANE CONCEIÇÃO PRIMON SERRES E DIEGO LEMOS RIBEIRO</i>	<b>258</b>
A ALIMENTAÇÃO HOSPITALAR MODERNA E A (RE) PRODUÇÃO DO VIVER SOCIAL NO HOSPITAL MIGUEL COUTO EM NATAL (1927-1955)	
<i>ANDRÉ MOTA E RODRIGO OTÁVIO DA SILVA</i>	<b>276</b>
A MATERNIDADE DO RIO DE JANEIRO: HISTÓRIA, ENSINO E ASSISTÊNCIA NO RIO DE JANEIRO	
<i>CAROLINE PEREIRA DAMIN PRITSIVELIS, ANTONIO RODRIGUES BRAGA NETO, ANTONIO CARLOS JUCA DE SAMPAIO, JORGE FONTE DE REZENDE FILHO E JOFFRE AMIM JUNIOR</i>	<b>299</b>
CENTROS DE SAÚDE E POSTOS DE HIGIENE: NOVAS INSTITUIÇÕES DE SAÚDE PARA NOVAS POLÍTICAS PÚBLICAS (RIO GRANDE DO SUL, 1928-1945)	
<i>GABRIELLE WERENICZ ALVES</i>	<b>312</b>
CUIDAR DE POBRES DOENTES NAS MEMÓRIAS DE ENFERMEIRAS RELIGIOSAS NA SANTA CASA DE PORTO ALEGRE (1956-1973)	
<i>VÉRA LUCIA MACIEL BARROSO</i>	<b>332</b>

**ARTIGOS LIVRES**

ENTRE COIMBRA E VILA DO PRÍNCIPE: A ATUAÇÃO DO PADRE DR. MANUEL JOSÉ DA  
FONSECA BRANDÃO NA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO, COMARCA DO  
SERRO DO FRIO, MINAS GERAIS, 1778 A 1797

**347**

*DANILO ARNALDO BRISKIEVICZ*

**348**

MODELOS DE ESPACIALIDADE NA HISTÓRIA E NA GEOGRAFIA – UMA COMPARAÇÃO  
ENTRE A HISTÓRIA LOCAL FRANCESA E A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NAS GERAÇÕES  
SUBSEQUENTES

*JOSÉ D'ASSUNÇÃO BARROS*

**369**

(RE)ESCRITURAS NEGRAS EM PÁGINAS BRANCAS: UMA REFLEXÃO A PARTIR DO PROCESSO  
DE PATRIMONIALIZAÇÃO DA SERRA DA BARRIGA

**388**

*RAYANNE MATIAS VILLARINHO E ANA MARÍA SOSA GONZÁLEZ*



## CONCEPÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EXPOSIÇÃO “GRIPE ESPANHOLA: A MARCHA DA EPIDEMIA” DO MUSEU DE HISTÓRIA DA MEDICINA DO RIO GRANDE DO SUL.

Angela Beatriz Pomatti<sup>1</sup>

Gláucia G. Lixinski de Lima Kulzer<sup>2</sup>

---

**Resumo:** O início do século XX foi marcado por uma conjuntura conturbada, com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e o surgimento da Gripe Espanhola, que se tornou uma epidemia mundial. Buscou-se descrever os acontecimentos que foram retratados na exposição “Gripe Espanhola: A marcha da epidemia”, organizada pelo Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) com o objetivo de apresentar o cotidiano da cidade de Porto Alegre entre outubro e dezembro de 1918, que representa a eclosão da epidemia da doença na cidade. Por meio de acervo institucional como livros e objetos tridimensionais, periódicos e documentos oficiais, a exposição apresentou as estratégias e o modelo de organização adotados pelas autoridades públicas, médicas e policiais no combate à epidemia. Também mostramos como a população recebeu e se adaptou às mudanças. Além dos fatos históricos relacionados a epidemia este artigo objetiva apresentar o processo de concepção e organização da mostra, desde a escolha do tema até a sua apresentação ao público.

**Palavras-chave:** Museu – Epidemia – Gripe – Espanhola - Porto Alegre

**Abstract:** The beginning of the 20th century was marked by a turbulent reality, with the First World War and the appearance of the Spanish flu, which was configured as a worldwide epidemic. We show these events in the exhibition “Spanish Flu: the March of the Epidemic”, organized at the Museum of Medical History of Rio Grande do Sul. It covers the months from October to December 1918, when the Spanish flu epidemic broke out in Porto Alegre. Through institutional collection, periodicals and official documents, we present the strategies and organization of public, medical and police authorities in combating the epidemic and how the population received them and adapted to changes in their daily lives.

**Key Words:** Museum - Epidemic - Flu - Spanish - Porto Alegre

---

### 1 O Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul

O Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul (MUHM) é uma instituição mantida pelo Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers). Iniciou suas atividades em 2004, como um projeto de pesquisa chamado “Memória Médica”, com o objetivo de registrar, a partir de entrevistas, a memória dos médicos do Estado (MUHM, 2014).

A partir de um levantamento inicial de fontes e de entrevistas com profissionais, foi detectada a existência de um rico acervo sobre Medicina. Então, foi realizada uma campanha de sensibilização de doação junto aos médicos, que gerou o “Acervo Histórico Simers”. Em 19 de março de 2007, o museu foi criado formalmente por meio de ata da diretoria do Simers. Em outubro deste mesmo ano, o museu foi instalado no térreo do prédio histórico do Hospital Beneficência Portuguesa

---

<sup>1</sup> Historiadora pela Universidade Federal de Pelotas e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Graduada em Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como museóloga e historiadora no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. Email: [angelapomatti@yahoo.com.br](mailto:angelapomatti@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Historiadora pelo Centro Universitário Franciscano e pedagoga pela Uninter, Mestre em História pela Unisinos. Atua como historiadora e pedagoga no Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. [glauclia.lixinski@gmail.com](mailto:glauclia.lixinski@gmail.com)

de Porto Alegre<sup>3</sup>, contando com duas salas expositivas.

Desde então sua missão centra-se em promover o interesse pela história da Medicina e da Saúde como uma ferramenta de compreensão da realidade, por meio da preservação, investigação e divulgação do patrimônio cultural médico — o que ocorre a partir de exposições, ações educativas e publicações que contribuam para o desenvolvimento da sociedade (MUHM, 2012).

O Museu recebe o público espontâneo, escolas e grupos, oferecendo mediações e atividades lúdico-pedagógicas. Ao longo do tempo, ampliou o número de visitas, desenvolvendo novos projetos educativos e consolidando-se como centro de promoção e compartilhamento de saber na sociedade.

O MUHM conta atualmente com cerca de 4.000 objetos tridimensionais, incluindo, principalmente, equipamentos médicos, instrumentos cirúrgicos e acervo pessoal, entre outros. O acervo arquivístico é composto de cerca de 150 coleções pessoais e 5 coleções institucionais, que incluem o acervo do MUHM e do Simers. Já o acervo bibliográfico é composto por cerca de 9.000 obras, das quais cerca de 500 delas são consideradas raras.

O acervo do MUHM é aberto para a realização de pesquisas. O principal público são pesquisadores que trabalham com as temáticas da história da saúde e da doença e desenvolvem estudos acadêmicos, tanto em nível de graduação quanto de pós-graduação.

Desde a sua criação, também foram desenvolvidas 22 exposições, com temas que envolvem história da Medicina e da Saúde no Rio Grande do Sul (RS). Entre elas, a exposição “Gripe Espanhola: a marcha da epidemia”, desenvolvida em 2018, em seu formato físico, por meio de uma curadoria compartilhada da equipe. Podemos definir como curadoria compartilhada aquela em que as pessoas envolvidas organizam, dialogam, constroem a exposição, definem os textos expográficos e os acervos que serão expostos, abarcando a concepção e a realização (LEITZKE; POSSAMAI, 2014).

Neste artigo apresentaremos o processo de concepção e organização desta exposição, visto que, como profissionais atuantes da intuição tivemos a possibilidade de participar ativamente de todos os momentos do processo de construção da exposição.

## **2 A concepção da exposição: da pesquisa à expografia**

A concepção da exposição a “Gripe Espanhola: A marcha da epidemia” iniciou em 2017 a fim de ser inaugurada em outubro de 2018, na sala expositiva Rita Lobato, marcando os 100 anos do surgimento da pandemia. Além da grande relevância do tema, a equipe da instituição buscou construir uma narrativa histórica objetivando retratar o percurso da gripe espanhola na cidade de Porto Alegre e dialogar com a comunidade - de forma acessível - sobre o processo histórico que vitimou milhares de pessoas na capital, permitindo assim que o público do MUHM refletisse sobre essa doença em seu tempo.

Após a definição da temática, iniciamos o levantamento do acervo institucional, para

---

<sup>3</sup> Localizado na Avenida Independência, 270, Porto Alegre - RS.

compreendermos qual seria o rumo que a exposição iria tomar. Após o levantamento inicial, partimos para a pesquisa sobre o assunto.

A origem da pesquisa centra-se na tentativa de compreender como a sociedade porto-alegrense assimilou a epidemia de gripe espanhola, quais foram as reações à doença e ações tomadas pela população, pelos políticos que governavam a cidade e o estado, bem como profissionais da saúde que atuavam em Porto Alegre — abarcando as medidas profiláticas e terapêuticas adotadas para combater a moléstia. Nosso período de estudo abarca os meses outubro a dezembro de 1918, quando houve o maior número de casos na cidade. Desta forma, as perguntas que nos guiaram foram:

- a) Como a cidade se organizou com a chegada da doença?
- b) Quais os reflexos da pandemia na rotina da cidade e da população?
- c) Como podemos nos prevenir de uma pandemia hoje?

Para respondermos a elas, recorremos ao acervo do MUHM, bem como a diversos arquivos e fontes externas sobre o assunto, como os acervos, documentação sobre Saúde do Estado e periódicos do período. Organizamos o fio condutor da exposição em 8 nichos, que abordaram a história da moléstia desde a sua chegada ao Brasil até as medidas tomadas em Porto Alegre para deter as mortes. Estes são compostos de textos, imagens, acervos e dados sobre a pandemia, organizados de maneira cronológica, possibilitando ao visitante realizar a visita de maneira independente. Os elementos expográficos, como transcrições de cartas e trechos de notícias de periódicos, entrevista do Dr. Cristiano Enrique de Brum<sup>4</sup> falando sobre a pandemia da gripe espanhola, réplicas de jornais e totem interativo com informações e dados sobre a doença completam a expografia.

O primeiro nicho, denominado “Mundo e a Gripe Espanhola”, aborda a questão da Primeira Guerra Mundial, a Missão Médica-Militar na França, bem como a circulação do vírus pelo mundo. Já o segundo, intitulado “O Inimigo Invisível”, trata sobre o vírus da gripe e a dificuldade em estudá-lo antes da invenção do microscópio eletrônico. “Porto Alegre Sitiada”, que representa o terceiro nicho, aborda a divisão da cidade em 5 distritos e 33 bairros para o atendimento dos convalescentes, além da organização das instituições sanitárias e o cotidiano da cidade durante a pandemia.

O quarto nicho, “Quinino, Canja e Limão”, trata dos medicamentos e medidas profiláticas utilizados no período da gripe. O quinto, “Locais de Tratamento”, aborda o histórico dos hospitais e lugares que foram utilizados no tratamento da doença. Já o sexto nicho, “As Trajetórias Médicas”, contempla biografias de médicos que trabalharam durante a gripe espanhola. No nicho “O que Aprendemos com a Gripe?”, o sétimo, abordamos a importância da vacina para a prevenção da influenza na atualidade. Localizado no centro da sala, temos o oitavo nicho, intitulado “A Gripe Espanhola e a Censura”, que trabalha a censura do governo estadual aos meios de comunicação do

---

<sup>4</sup> Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), graduado em História pela mesma Universidade. É membro historiador da Cominter do TJ/RS. Membro do ICOMOS; Presidente do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural de Ivoti (2019-2020). Atualmente é Coordenador do GT (Grupo de Trabalho) História e Saúde da Anpuh-RS.

período nas publicações sobre a pandemia.

Abordaremos, a seguir, a análise expográfica de cada nicho e seu respectivo acervo, buscando evidenciar como selecionamos os acervos e os costuramos com a história da gripe espanhola em Porto Alegre, compondo a narrativa da exposição. Por meio desta abordagem, buscamos proporcionar ao público uma experiência museal sobre o momento histórico, marcado pela construção de estratégias de combate a uma enfermidade que assolou todos os continentes, atacando e vitimando milhares de pessoas.

### **3 Gripe Espanhola: A marcha da epidemia**

No início do século XX, a ciência ganhou espaço e desenvolveu-se de forma mais consistente, modificando diversas visões do homem em relação à saúde e à doença. As cidades desenvolveram-se rapidamente e ampliou-se a circulação de indivíduos entre países e continentes. Essas mudanças foram acarretadas pelo desenvolvimento dos meios de transporte modernos, industrialização, migrações e urbanização — fatores que favoreceram a disseminação de doenças infectocontagiosas.

Em 1918, o mundo vivia os momentos finais da Primeira Guerra Mundial<sup>5</sup>. Essa conjuntura piorou com o surgimento da gripe espanhola e a luta contra um vírus invisível, que marcou o período e alterou o cotidiano, a vida e a forma de compreender o mundo.

Assim, organizamos a exposição iniciando no nicho “O Mundo e a Gripe Espanhola”, buscando explorar a confluência entre a Primeira Guerra Mundial, a Missão Médica-Militar na França e a circulação do vírus pelos continentes. Utilizamos como recurso expográfico um mapa mundial, preenchido pela equipe com linhas, para que, de maneira alusiva, pudéssemos demonstrar os caminhos trilhados do vírus pelo mundo. Os acervos que compõem o nicho: reprodução de cartaz representando a Grande Guerra (1914-1918); Livro de Mário Kroeff *Imagens do meu Rio Grande*. 1971; réplica da imagem de integrantes da Missão Médica Militar na França; réplica de imagem do Hospital Militar francês em Orã (Argélia) que recebeu os médicos brasileiros doentes de Gripe Espanhola; postal do Hospital Militar Brasileiro de Paris, QG da Missão Médica; réplica de fotografia do Dr. Scylla Teixeira da Silva e Alayde Jacques Dornelles.

---

<sup>5</sup> A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) se dividiu da seguinte forma: Tríplice Aliança, com Alemanha, Império Austro-Hungaro e Itália; e Tríplice Entente, com Inglaterra, França e Rússia. O Brasil fez aliança com a Tríplice Entente, e, em maio de 1918, enviou para participar do conflito uma divisão naval com embarcações do Rio Grande do Sul, Bahia, Paraíba, Rio Grande do Norte, Piauí e Santa Catarina.

**Figura 1** — Fotografia da sala expográfica Rita Lobato, em que se encontra a exposição “Gripe Espanhola: a Marcha da Epidemia”.



**Fonte:** Acervo institucional MUHM

A eclosão da pandemia de gripe espanhola deixou mais de 50 milhões de mortos no mundo e sua origem é desconhecida. Consta que o primeiro caso diagnosticado foi em uma base militar no estado do Kansas, nos Estados Unidos. A doença ficou conhecida por diversos nomes, como peste de Dakar, peste branca, influenza espanhola, entre outras. No Brasil, denominou-se gripe espanhola, pois a Espanha era neutra durante a Primeira Guerra Mundial, e sua imprensa divulgava, sem censura, os casos da pandemia ocorridos no País e em toda a Europa (ABRÃO, 1998). Por meio da reprodução de acervos e periódicos da época, apresentamos os países envolvidos no conflito e evidenciamos a participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, “o único país latino-americano a participar militarmente na Grande Guerra” (BRUM, 2018, p. 14). Nesta perspectiva, destacamos a Missão Médica-Militar como ponto norteador para mapearmos a relação com a epidemia. Ela contou com a colaboração de jovens médicos de todo o Brasil, em um total de 98 profissionais (BRUM, 2018). Segundo Brum (2018), o chefe-coronel da Missão Médico-Militar foi o médico e político José Thomas Nabuco de Gouveia, que definiu os objetivos, o caráter e a duração da iniciativa brasileira por meio do Decreto nº 13.092, de 10 de julho de 1918.

Este documento revela que a ação teve o objetivo de auxiliar os aliados a partir da oferta do serviço de saúde e de manter um hospital temporário na zona de guerra enquanto ela durasse. Houve a necessidade de incorporar médicos civis à Missão, que, de acordo com Brum (2018, p.77), “receberiam patentes militares para se adequarem à hierarquia militar a qual estariam subordinados na França”.

Entre os médicos recrutados estava o Dr. Scylla Teixeira da Silva, nascido em 1887, em Alegrete. Em 1912, se formou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e em 1913, foi nomeado Primeiro Tenente Médico do Exército e designado para a 7ª Região, em Quaraí, no Rio Grande do Sul, atuando na Guerra do Contestado. Em 1918, serviu o RS no 9º Regimento de Cavalaria (BRUM, 2018). Partiu para a França com a esposa Alayde Jacques Dornelles, que atuou como enfermeira. Ele faleceu em viagem ainda em Dakar, na África, em 20 de outubro de 1918, antes de chegar ao destino, sendo um dos primeiros brasileiros afetados pela gripe. As memórias do Dr. Mário Kroeff, registradas no livro “Imagens do meu Rio Grande” (KROEFF, 1971), descreve a experiência que os médicos enfrentaram em Dakar, quando encontraram a gripe, e como o fato afetou a tripulação brasileira.

Em fins de agosto de 1918, a epidemia assumiu uma proporção alarmante no mundo, com um aumento dos infectados apresentando um quadro clínico severo. A epidemia foi marcada por três momentos. O primeiro, em março de 1918, apresentou mortalidade baixa e não despertou grande preocupação nas autoridades e na população. O segundo, em agosto do mesmo ano, é marcado pela expansão da doença pelo mundo e o aumento da mortalidade. Já o terceiro e menos virulento deles manifestou-se em janeiro de 1919, e estendeu-se até 1920 em alguns países (ABRÃO, 1998). Ela chega ao Brasil em fins de setembro, pelas cidades portuárias. Os primeiros casos relatados foram de marinheiros que prestaram serviço militar em Dakar e que chegaram doentes em Recife. Em pouco tempo, a doença se espalhou pelo território nacional.

Em 9 de outubro de 1918, a gripe espanhola chegou ao porto de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, a bordo do navio Itajubá, vindo do Rio de Janeiro. Acionadas as autoridades sanitárias do Estado, procedeu-se ao atendimento médico aos tripulantes e à desinfecção do navio. No dia 14 de outubro, atracou em Porto Alegre o navio Mercedes, procedente de Rio Grande, e surgiram os primeiros casos da doença na Capital, tomando a cidade e os jornais (ABRÃO, 1998).

Cientistas, médicos e autoridades de várias partes do mundo buscavam respostas para a epidemia. Os médicos se mobilizaram, juntamente com o poder público, para criar estratégias de combate ao “inimigo invisível”. Este é o tema do segundo nicho da exposição composto pelos acervos jaleco médico, microscópio, microscópio eletrônico e envelopes contendo ilustrações de utilização de microscópio.

Desta forma, o desconhecimento do agente causador e a dificuldade de entendê-lo, já que a tecnologia da época não fornecia recursos suficientes, resultou em muitas mortes. Assim, por meio dos microscópios abordamos a importância da pesquisa e das novas tecnologias para desvendar os mistérios das doenças. Somente em 1931, Ernst Ruska inventou o microscópio eletrônico, que tornou possível ampliar imagens, estudar e combater os agentes causadores de doenças. Desta forma:

[...] com a invenção do microscópio eletrônico na década de 30, [...] a medicina pode estudar as estruturas dos vírus isoladamente, [...] uma vez que o material genético do vírus ainda não havia sido descoberto (CUNHA *et al.*, 2019, p.78).

**Figura 2** — Fotografia do nicho “O Inimigo Invisível”

Fonte: Acervo institucional MUHM

O terceiro nicho, “Porto Alegre Sitiada”, composto pelos acervos: caneta tinteiro; telefone; publicação da Capela Positivista de Porto Alegre (Ano 130, de 1918); reprodução das imagens da distribuição de alimentos aos pobres, em frente à Padaria Rocco, de um auto-assistente da Brigada Militar a serviço da Higiene e dos motoristas que atuaram na remoção dos doentes durante a gripe espanhola. Neste, abordamos o cotidiano da cidade e como a população informava-se com as notícias que chegavam do exterior a partir dos jornais que, em setembro, já informavam sobre a doença, a exemplo do Correio do Povo:

Os telegramas de hoje são alarmantes em relação à Espanha. A epidemia terrível que, há dias, não poupava nem o rei e seus ministros assolou por tal moda a capital daquele grande país que, segundo o telégrafo, paralisou os teatros, os bondes, assim como ameaça paralisar a vida da cidade e começa já a invadir as províncias! Parece-nos ler uma terrível página do Manzoni, nos “Promessi Sposi”, quando escreve Milão negro de peste (CIANCIO, 27 set. 1918, p.4).

Com a chegada da doença, acendeu-se o alerta na população. Médicos e poder público que, desconhecendo o seu causador, tentavam encontrar meios para eliminar o vírus. A Diretoria de Higiene dividiu os cinco distritos da Capital em 33 quarteirões médicos para enfrentar a epidemia, nomeando provisoriamente médicos e doutorandos para atender à população.

A edição de 30 de outubro do jornal A Federação publicou as obrigações e responsabilidades que médicos e doutorandos que assumiram os quarteirões deveriam ter:

- I - Visitar diariamente as casas de suas zonas receitando aos doentes que precisarem de recursos, sendo por conta do Estado aos pobres.
- II - Notificar a Diretoria de Higiene todos os casos que encontrarem; e diariamente ao meio dia enviar à Diretoria de Higiene a parte completa dos serviços feitos.
- III - Recorrer aos Postos para remoção dos doentes que não puderam ser tratados em domicílio.
- IV - Requisitar da Diretoria de Higiene os recursos alimentícios e de leito que precisarem em domicílio.
- V - Indicar as faltas higiênicas encontradas, na parte dada a Diretoria (A INFLUENZA, 30 out. 1918, p.1)

**Figura 3** — Fotografia do nicho “Porto Alegre Sitiada”

Fonte: Acervo institucional MUHM

No auge da epidemia, o caos e o medo se estabeleceram na cidade. Centenas de pessoas saíram da Capital em direção a localidades do interior para fugir da doença. Os estabelecimentos comerciais fecharam e as escolas, o serviço de telefonia, os bondes e os trens para o interior também restringiram seus serviços. Como medida preventiva para evitar a propagação da gripe foi suspenso, no final de 1918, todos os eventos que tivessem potencial de reunir público, a exemplo dos jogos de futebol. Assim, nunca ocorreu a final do Campeonato Gaúcho e, representantes de Brasil, de Pelotas, Cruzeiro, de Porto Alegre e de 14 de Julho, de Santana do Livramento, ainda buscam reconhecimento como os vencedores da edição de 1918. Isso porque, naquele ano, teria sido realizado o primeiro Campeonato Gaúcho. Após uma fase regionalizada, a competição em nível estadual envolveria apenas os campeões de cada região (TURRA, 26 jan. 2018).

Sobre a necessidade de paralisar as escolas, em sua edição de 1º de novembro, o jornal *Correio do Povo* descreve:

Ontem foram encerrados os cursos do Instituto de Belas Artes. Os exames tanto do Conservatório de Música, como da Escola de Belas Artes, terão início ao 1º de março vindouro. Como medidas preventiva, contra a “Influenza espanhola”, o dr. Protásio Alves, secretário do Interior, ordenou que fossem fechadas todas as aulas públicas, colégios elementares e grupos escolares do Interior do Estado. Em vista de terem enfermado outros alunos da Escola Superior do Comércio, os demais farão hoje uma reunião, para tratarem das medidas a tomar. Nessa reunião os acadêmicos tratarão de solicitar ao diretor o

fechamento da escola e, bem assim, as medidas que sirvam para acesso ao ano superior. Diversos lentes já fecharam as suas aulas (ENCERRAMENTO DE..., 1º nov. 1918, p. 1).

No início do século XX, não havia antibióticos para tratar doenças infecciosas, nem vacinas para a sua prevenção. Desta forma, eram poucas as alternativas de tratamento aos doentes acometidos pela gripe espanhola. Utilizou-se medicamentos que tratavam outras doenças, como ácido acetilsalicílico — analgésico e anti-inflamatório — e quinina — antitérmico eficaz no tratamento da malária e doenças que causavam febres altas. Sobre o tema, organizou-se o quarto nicho: “Canja, Quinino e Limão”.

Este nicho é composto pelos seguintes acervos: Livro Formulário e Guia Médico De Pedro Luiz Napoleão Chernoviz. Paris: Typographia de R. Roger e F. Chernoviz. 18ª Edição, 1908; maceradores para produção de medicamentos; balança de laboratório; ventosas de bomba; medicamentos utilizados para o tratamento da gripe espanhola; e cadinhos de porcelana para laboratório.

Como medida preventiva, os médicos receitaram repouso, hidratação e cuidados com a alimentação. A Revista Máscara descreve que, no Mercado Público, havia disputa pelas galinhas — para a canja — e que o preço do produto, assim como do limão e da quinina, subiram, fazendo com que a Intendência Municipal fosse obrigada a tabelar o preço máximo para venda (REVISTA MÁSCARA, 1918).

**Figura 4** — Fotografia do nicho “Canja, Quinino e Limão”



**Fonte:** Acervo institucional MUHM

**Figura 5** — Fotografia de frascos do nicho “Canja, Quinino e Limão”

Fonte: Acervo institucional MUHM

Em 17 de outubro, o jornal *Correio do Povo* publicou:

O uso do quinino e do limão – é como se sabe, recomendado como preservativo da influenza. Nas Pharmacias locais, nestes últimos dias, têm accorrido numerosas pessoas que vão adquirir quinino. Houve pharmacias que chegaram a vender num só dia mais de 500 capsulas de quinino e outras ficaram sem esse medicamento. As drogarias, até poucos dias, vendiam para as pharmacias o quinino a razão de 340\$00 o kilo. Anteontem, elevaram ellas o preço para 400\$00 e, hontem, pediram 800\$00 por kilo do referido medicamento. O mesmo está succedendo com os limões. Esse fructo, que até bem poucos dias se comportava à razão de cem réis cada um e a três por duzentos réis, hontem eram vendido de trezentos a quinhentos réis (PEQUENAS..., 17 out. 1918, p.1).

Estes acontecimentos obrigaram o Dr. Ricardo Machado, Diretor da Diretoria de Higiene, a informar no *Correio do Povo*, em 20 de outubro:

[...] aos proprietários de farmácia que ficam intimidados a não vender para fora da capital o quinino e seus sais, bem como vender nesta capital esses medicamentos mediante receita médica em que seja declarado o nome e a moradia da pessoa a quem forem tais medicamentos prescritos. (MACHADO, 20 out. 1918, p. 9).

Todos os dias eram notificados, em Porto Alegre, numerosos casos da gripe espanhola, sobretudo nas regiões mais pobres da cidade. Segundo artigo do Dr. Mário Totta, publicado no *Correio do Povo* em 23 de outubro:

[...] a população [...] no empenho de se libertar da moléstia [...] vai lançando mão, sem conta nem medida, de quanto remédio surge por aí, com o rótulo de preservativo. Como resultado desses exageros, estão aparecendo, a cada instante, os casos de intoxicação medicamentosa e as perturbações da saúde, provocadas pelos remédios tomados sem o necessário discernimento [...], embaraços gástricos originados pelo abuso de quinino [...], ainda surgem [...] as hemorragias nasais produzidas pela introdução brutal, no nariz, de bolas de naftalina e outras substâncias irritantes (TOTTA, 23 out. 1918, p. 4).

O medo da contaminação por esse vírus invisível causou tensão na população. Nos jornais eram publicados “conselhos ao povo”, que orientavam e faziam apelo à higiene pessoal e ao cuidado com os contatos sociais, maneiras de se evitar a enfermidade e sua propagação. Os jornais foram o principal recurso das autoridades, instituições, comércio, sociedades recreativas e esportivas para informar a população, colaborando com as medidas preventivas.

A estrutura de saúde em Porto Alegre no período resumia-se a cinco instituições: Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre, Hospital São Pedro, Hospital da Brigada Militar e Hospital de Isolamento São José. Era uma estrutura médico-sanitária pequena para tratar o grande número de pessoas atingidas pela gripe espanhola. Para a remoção e transporte de doentes, existiam apenas dois carros mecânicos e seis de tração animal. São estes locais de atendimento e as estratégias estabelecidas no período para assistência à população que o nicho “Locais de Tratamento” aborda. Acervos que compõem o nicho são: livro de pacientes do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre (1912-1929); livro de atas da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre, de 1918; Álbum Comemorativo do 30º Aniversário de sua criação da Brigada Militar do Rio Grande do Sul 1892-1922. Oficinas gráficas da Livraria Americana – Porto Alegre, 1922 (Empréstimo do Acervo do Museu da Brigada Militar do Rio Grande do Sul); reprodução das imagens do pátio do Desinfectório da Higiene e do prédio do 3º Posto Municipal Fonte: Revista *Máscara*, no 39, Anno I, Porto Alegre, 9 de Novembro de 1918.

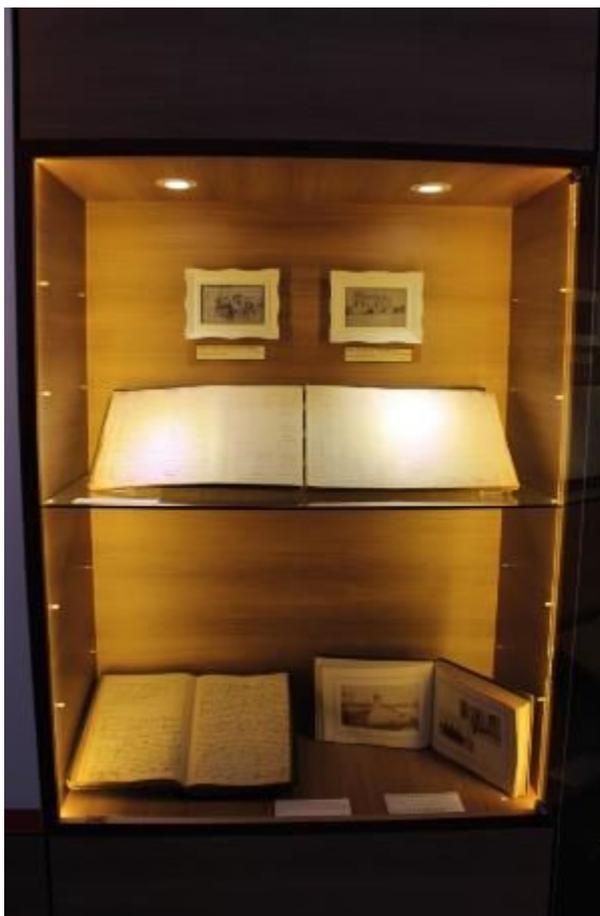
Explorando os números da pandemia revelados pelo Relatório da Secretaria do Interior sobre o ano 1918, apresentado ao Presidente do RS, podemos observar que em Porto Alegre, que contava com uma população total de 192 mil pessoas, 70 mil indivíduos adoeceram de gripe espanhola. O documento salientava ainda:

[...] estimativa talvez abaixo da realidade, atendendo ao que se observou nas corporações onde a estatística foi feita com os dados exatos. [...] 3.971 o número de óbitos ocorrido em todo o Estado pela pandemia até 31 de dezembro, concorrendo a capital e seus distritos com [...] 1.316, dos quais 1.209 na cidade, para um total de 5.447 óbitos durante o ano. O maior número destes foi verificado em 16 de novembro, elevando-se o total a 133, sendo por gripe 97 (SECRETARIA DO INTERIOR, 1919, p.16)

Abordamos, de forma mais detalhada na exposição, a participação do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre, onde localiza-se o MUHM. Em 1854, foi fundada a Sociedade Portuguesa de Beneficência de Porto Alegre, uma das primeiras sociedades de socorros mútuos da Província do Rio Grande de São Pedro. Um dos objetivos era criar um local de assistência

aos seus sócios. Em 1867, foi lançada a pedra fundamental e, em 1870, foi inaugurado o Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre, o segundo hospital da capital (SERRES *et al.*, 2016). A instituição organizou-se para prestar assistência aos seus sócios e ampliar o atendimento à comunidade durante a gripe espanhola. Foram atendidos 156 casos de gripe epidêmica e 15 de influenza em 1918 durante a segunda quinzena de outubro e o mês de novembro, como podemos verificar no livro de registro de pacientes (HOSPITAL BENEFICÊNCIA PORTUGUESA DE PORTO ALEGRE, 1912-1929).

**Figura 6** — Fotografia do nicho “Locais de Tratamento”



**Fonte:** Acervo institucional MUHM

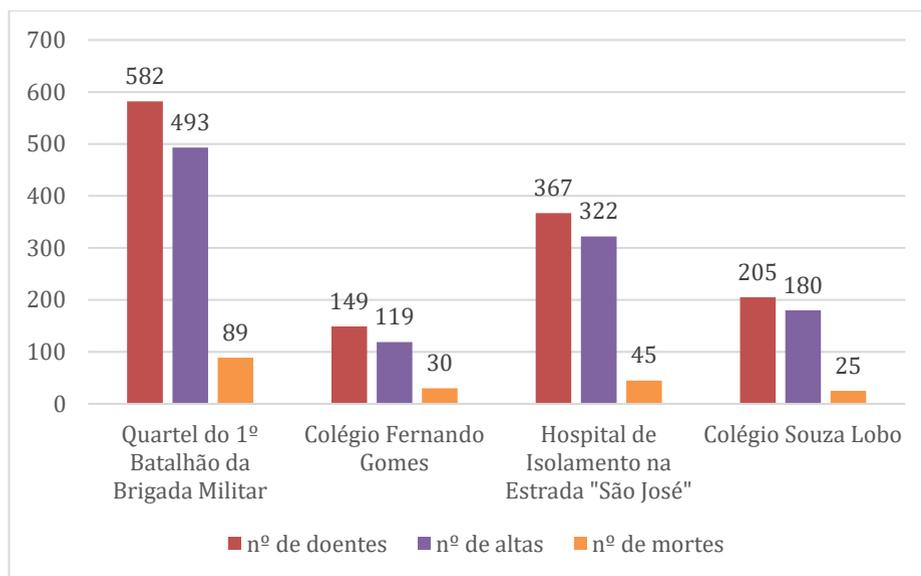
**Figura 7** — Fotografia do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre s/d.



**Fonte:** Acervo digital MUHM

A gripe espanhola ainda uniu a Faculdade de Medicina de Porto Alegre (atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul [UFRGS]) e a Escola Médico Cirúrgica de Porto Alegre em uma luta histórica contra a epidemia, com médicos e doutorandos desdobrando-se no atendimento à população doente. Nestas instituições, foram organizados postos de atendimento 24 horas. O jornal *Correio do Povo* publicou diversas vezes, entre outubro e dezembro de 1918, os nomes de médicos e alunos que estavam em plantão, além de informar o número de atendimentos diários.

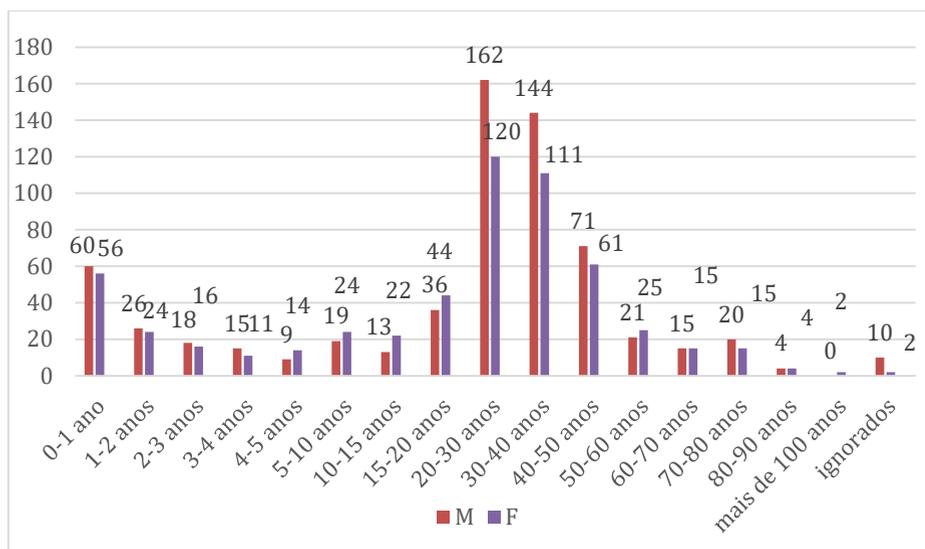
Para ampliar o espaço dos atendimentos dos enfermos, duas escolas foram adaptadas: o antigo Colégio Elementar Souza Lobo e a Escola Fernando Gomes (SECRETARIA DO INTERIOR, 1919). Por meio das pesquisas realizadas nos documentos oficiais sobre esses locais de tratamento, podemos verificar, no gráfico abaixo, a alta morbidade em comparação à mortalidade.

**Gráfico 1** — Movimento dos hospitais de isolamento de outubro a dezembro de 1918 em Porto Alegre -RS

Fonte: Secretaria do Interior (1919)

Somente na década de 1930 foi possível conhecer mais sobre o vírus, mas o seu estudo seguiu ao longo das décadas. Conforme Kolata (2002), no fim dos anos 1990, foi possível caracterizá-lo, a partir das análises de fragmentos de pulmões de casos fatais de 1918, coletados e conservados em blocos parafina, e do material de um cadáver preservado do Alaska.

No entanto, em 1918, apesar das medidas preventivas realizadas, não se sabia, de fato, quais eram os efeitos que essa doença causaria e nem a que grupo de pessoas atingiria. De acordo com os dados do Relatório da Secretaria do Interior, apresentados ao Presidente da Província, podemos perceber as faixas etárias que foram mais atingidas pela pandemia. Destacam-se as crianças de 0 a 1 ano, possivelmente por serem mais frágeis, e os jovens adultos de 20 a 30 anos, de 30 a 40 anos e de 40 a 50 anos, possivelmente por estarem mais expostos, devido à idade mais propícia para trabalhar.

**Gráfico 2** — Óbitos classificados por idade e sexo em Porto Alegre (1918)

Fonte: Secretaria do Interior (1919)

Por mais que a morbidade fosse maior que a mortalidade, houve necessidade de reorganização dos enterros. Além disso, não havia pessoas suficientes para atender aos serviços básicos, como coveiros para enterrar os mortos pela gripe espanhola. A Diretoria de Higiene do Estado recorreu aos presos da Casa de Correção para essa tarefa, como destacou o jornal o *Correio do Povo* em 8 de novembro:

Tendo adoecido alguns coveiros e devido ao aumento da mortalidade, a Santa Casa requisitou à Diretoria de Higiene pessoal para abrir sepulturas. Atendendo ao pedido acima, foram destacados, 16 sentenciados recolhidos à Casa de Correção para serem empregados naquele serviço. Ontem, os presos já estiveram trabalhando como coveiros (DIRETORIA DE..., 8 nov. 1918, p. 1).

Parte importante da atuação contra a doença foi desempenhada pelos médicos. Desta forma, apresentamos algumas trajetórias, a fim de evidenciar que a gripe espanhola não poupava ninguém, nem mesmo os profissionais da Saúde. Muitos dos que atuaram durante a pandemia padeceram com a doença e alguns perderam suas vidas. No nicho “Trajetórias Médicas”, apresentamos aqueles que, por meio do seu conhecimento científico e de suas práticas, buscaram amenizar o sofrimento e trazer a cura à população de Porto Alegre. Os itens que compõem esse nicho são: conjunto de caneta e termômetro; Livro *Estudo Médico Clínico da Grippe – Influenza*. de Dr. José Novaes de Souza Carvalho Neto, Rio de Janeiro, 1919; estetoscópio; tambor para algodão; maleta médica; esterilizadores; e seringas.

Os profissionais da Saúde tentavam encontrar alternativas para amenizar os sintomas que a doença causava. Médicos atendiam nos postos das faculdades de Medicina, farmácias, hospitais e nas escolas; outros se revezavam para atender à população nos 33 bairros em que a cidade foi geograficamente dividida. Cada bairro ficou a cargo de “um médico encarregado do serviço clínico, um funcionário que provia a alimentação e agasalho dos necessitados e ainda um inspetor,

responsável pela vistoria sanitária das casas e estabelecimentos” (SECRETARIA DO INTERIOR, 1919, p. 16).

**Figura 8** — Fotografia do acervo expostos no nicho “Trajetórias Médicas”



Fonte: Acervo institucional MUHM

**Figura 9** — Fotografia de detalhe do acervo expostos no nicho “Trajetórias Médicas”



Fonte: Acervo institucional MUHM

Entre estes médicos destacamos o Dr. Carlos Oscar Mostardeiro, nascido em 1891 e natural de Porto Alegre, que, em 1916, formou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Ele iniciou o trabalho como médico do 22º quarteirão no dia 31 de outubro, nomeado provisoriamente Médico Auxiliar da Diretoria de Higiene (VÁRIAS... 31 out. 1918).

No jornal Correio do Povo de 5 de novembro, destaca-se uma lista dos quarteirões com as delimitações geográficas, médicos responsáveis, endereços e telefones. As informações sobre o Dr. Carlos Mostardeiro eram de que residia na “rua Dona Laura, nº 4, telefone 568, (...) 22º quarteirão que tinha como limites as ruas São Pedro, Benjamin Constant, Christovão Colombo, Ramiro Barcellos, Voluntários da Pátria” (NOVO QUADRO..., 5 nov. 1918, p. 2). Infelizmente, cinco dias após iniciar sua atividade, foi vítima da doença, falecendo em 6 de novembro de 1918, aos 27 anos.

Destacamos também a trajetória da Dr<sup>a</sup> Noemy Valle Rocha, nascida em Porto Alegre em 1889. Formou-se na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, em 1917, sendo a segunda mulher a se formar no RS. Atuou ativamente durante a gripe espanhola e adoeceu em 8 de novembro — no entanto, sobreviveu. A Revista Máscara (1918, p.12) mencionou o reconhecimento pela atuação da Dra Noemy “que tão bello destaque conquistou com sua acção humanitária durante a epidemia hoje em franco declínio”.

**Figura 10** — Fotografia da Dra. Noemy Valle Rocha



**Fonte:** Acervo digital MUHM

**Figura 11** — Fotografia do Dr. Carlos Oscar Mostardeiro



**Fonte:** Acervo digital MUHM

O último nicho da exposição, intitulado “O que Aprendemos com a Gripe?”, composto pela escultura “O médico”, aborda o legado deixado pela pandemia. Trabalha-se as questões relacionadas à importância da prevenção. É inegável que houve um grande avanço, tanto na alimentação quanto nas condições sanitárias à disposição da população, fator que melhora a capacidade dos pacientes de resistirem à infecção. Hoje, também temos acesso a recursos como as vacinas, que possibilitam prevenir vários vírus, além dos antibióticos, que permitem combater infecções bacterianas. O surgimento desses medicamentos foi possível devido às pesquisas científicas desenvolvidas por profissionais da saúde.

Este nicho apresenta ainda um vídeo produzido pela equipe do Museu, com a participação do Doutor em História Cristiano de Brum, onde mesclam-se imagens do período e informações gerais sobre a pandemia, fornecidas a partir de entrevista com este profissional.

**Figura 12** — Fotografia do acervo do nicho “O que Aprendemos com a Gripe Espanhola”



No centro da sala, no nicho “Gripe Espanhola e a Censura”, a exposição aborda como a censura às informações sobre a doença pelo poder público potencializou a sua proliferação pelo mundo. Desde os primeiros registros, nos Estados Unidos, até a expansão nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, os países envolvidos neste combate controlavam as notícias sobre a epidemia para não fortalecer o inimigo. Em Porto Alegre, com a justificativa de não alarmar a população, a Intendência de Porto Alegre proibiu a imprensa de divulgar notícias sobre a gripe espanhola. Como protesto, os jornais publicaram páginas em branco nos locais em que haveria as notícias censuradas. Somente no final de outubro de 1918, com a situação descontrolada, as autoridades tentaram orientar a população para os riscos da gripe.

Sobre essa questão, o periódico *Correio do Povo* publicou, em 2 de novembro, o seguinte ofício recebido:

**Fonte:** Acervo institucional MUHM

Ilmo. Sr. Redator do “Correio do Povo” Comunico-vos, que de ordem do Governo do Estado, e a contar da presente data, ficam sujeitas à censura policial as publicações desse jornal, relativamente à “influenza espanhola”, epidemia ora reinante nesta capital e em localidades do interior do Estado. De conformidade, pois, com esta determinação, visando a indispensável e recomendada tranquilidade pública, deveis submeter à apreciação desta chefia todas as notícias a respeito, e a qualquer hora do dia ou da noite. Saúde e Fraternidade. Ariosto Pinto Chefe de polícia (OFÍCIO, 2 nov. 1918, p. 1).

Para este nicho, utilizamos o recurso expográfico da réplica do jornal com as colunas em branco, para que o público pudesse manusear. A experiência desta utilização foi muito interessante,

visto que muitos dos visitantes nunca haviam visto um jornal daquele tamanho<sup>6</sup> e que alguns visitantes mais jovens não possuem familiaridade com jornais impressos.

**Figura 13** — Fotografia do nicho central “Gripe Espanhola e a Censura”



**Fonte:** Acervo institucional MUHM

Ainda no centro da sala, temos exposta a Revista Hygia, descrita como um periódico mensal e popular voltado para as questões da Medicina e da Educação Sanitária. O seu comitê de redação era composto pelo Prof. Dr. Ulysses de Nonohay, Dr. Renato Barbosa e Dr. Adhemar Torelly. O artigo exposto, intitulado “Influença Hespanhola ou Gripe”, foi escrito pelo Dr. Frederico Rossiter.

#### **4 Os públicos da exposição “Gripe Espanhola: A marcha da epidemia”**

Nenhum museu serve ao seu propósito educativo e cultural sem comunicar. No MUHM, todo o processo expográfico ocorre em concomitância com a produção de material educativo e lúdico-pedagógico sobre as temáticas abordadas, criando-se, assim, o condutor da exposição, juntamente com o roteiro educativo. Este último é utilizado pela equipe da instituição para nortear as mediações ao público e as atividades desenvolvidas sobre a exposição.

---

<sup>6</sup> A folhas dos jornais do início do século possuíam o tamanho de uma página A3, maiores que as atuais.

Com a finalização de todos esses processos, organiza-se a abertura da exposição. “Gripe Espanhola: a Marcha da Epidemia” foi inaugurada no dia 30 de outubro de 2018, com a participação de convidados especiais, uma das turmas de alunos do 8º ano da atual Escola Estadual Souza Lobo, da cidade de Porto Alegre. Este convite se deu em função da escola, em 1918, ter sido utilizada como um dos locais de atendimento da população durante a pandemia. É importante salientar que o grupo que participou da inauguração não possuía conhecimento sobre a atuação da escola no combate à gripe espanhola, o que despertou o interesse dos alunos em conhecer mais sobre a pandemia e a história da própria instituição.

Para além de compreendermos o contexto de Porto Alegre no período entre outubro e dezembro de 1918 e os efeitos da pandemia na vida dos moradores, a exposição buscou abordar e trabalhar a valorização da memória dos profissionais envolvidos no seu combate e das instituições de saúde e locais que auxiliaram no atendimento das vítimas.

Entre outubro de 2018 e dezembro de 2019, a exposição recebeu 3.106 visitantes espontâneos. Além deste público, foram atendidas 22 turmas de 6 escolas de Porto Alegre e região metropolitana, totalizando 660 alunos e 41 professores atendidos. Com estes grupos, além da mediação da exposição, realizamos atividades lúdico-pedagógicas (MUHM, 2018; MUHM 2019).

## 5 Apontamentos sobre a exposição

Por meio da organização das exposições, os museus cumprem a sua função social de aproximar seus objetos da comunidade, a quem eles verdadeiramente pertencem, e reafirmar o seu caráter educacional e cultural.

A exposição “Gripe Espanhola: A Marcha da Epidemia” objetivou apresentar o contexto da doença em 1918 e os efeitos da epidemia na cidade de Porto Alegre, bem como na vida dos indivíduos. Buscou-se ainda suscitar um novo debate, centrado em quais foram os ensinamentos que a pandemia nos trouxe.

O público, ao visitar o MUHM, aproxima-se da temática, do acervo da instituição, da pesquisa desenvolvida, da abordagem sobre as questões de saúde e doença e da história da cidade, das trajetórias médicas e de como o conhecimento científico construiu-se. Além disso, também compreende quais instituições estavam envolvidas no combate da pandemia e quais foram as estratégias do poder público para tentar combater a moléstia.

As visitas objetivam envolver alunos, professores e público, buscando que compreendam o museu como um espaço público, pertencente à comunidade, aberto ao debate e construtor de conhecimento. O MUHM, como recurso educativo, oportuniza a observação, a análise e o diálogo sobre os temas propostos, sendo um espaço de aprendizado não formal.

A gripe espanhola foi a primeira pandemia a percorrer todos os continentes intensamente, vitimando milhões de indivíduos no mundo e deixando suas marcas. Em Porto Alegre, não foi diferente, assim, a exposição buscou abordar aspectos importantes e estratégias adotadas na capital do RS, além de possibilitar traçar as mudanças que ocorreram na área da Saúde.

## REFERÊNCIAS

- ABRÃO, Janete S. *Banalização da morte na cidade calada: a Hespânica em Porto Alegre*, 1918. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.
- A INFLUENZA... *A influenza espanhola, entre nós e a ação energética e eficaz do Governo do Estado - Novas medidas - "Les Profituers" de la Espanhola e os boatos*. A Federação, p.1. 30 out. 1918. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=>> Acesso em 17 abr. 2020.
- BRUM, Cristiano Enrique. *A (des) mobilização de Médicos na Grande Guerra: o caso da Missão Médica brasileira na França (1918-1919)*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em História, PUCRS, Porto Alegre. 2018. Disponível em <<http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8038>>. Acesso em 9 abr. 2020.
- CIANCIO, Nicolau. A "Influenza Hespânica". *Correio do Povo*, p.4, 27 set. 1918.
- CUNHA, Camila R. da Silva; KULZER, Gláucia G.L. de Lima. A Espanhola de Exemplo: relatos de uma pandemia em Porto Alegre através do periódico "O Exemplo". *Síloges —Revista do GT Acervos: história, memória e patrimônio*, v.1, n.2., p.73-88, 2019. Disponível em: <<http://historiasocialecomparada.org/revistas/index.php/siloges/issue/view/2>>. Acesso em 13 abr. 2020.
- DIRETORIA DE... Diretoria de Higiene. *Correio do Povo*, p.1, 8 nov. 1918.
- ENCERRAMENTO DE... Encerramento de estabelecimento de Ensino. *Correio do Povo*, p.1, 1º nov. 1918.
- HOSPITAL BENEFICÊNCIA PORTUGUESA DE PORTO ALEGRE. *Livro de pacientes do Hospital Beneficência Portuguesa de Porto Alegre*, 1912-1929.
- KROEFF, Mario. *Imagens do meu Rio Grande*. Sl.: sn. 1971
- KOLATA, Gina Bari. *Gripe: a história da pandemia de 1918*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- LEITZKE, Maria Cristina Padilha; POSSAMAI, Zita Rosane. Curadorias compartilhadas: um estudo sobre as exposições realizadas no Museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002 a 2009). In: Atas do Seminário Internacional "O Futuro dos Museus Universitários em Perspetiva". Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Porto, 2014. Disponível em <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12520.pdf>> . Acesso em 17 abr. 2020.
- MACHADO, Ricardo. As vendas de quinino. *Correio do Povo*, p.9, 20 out. 1918.
- MUHM. *Relatório de atividades educativas*, 2019, 62p. [Documento interno].
- MUHM. *Relatório de atividades educativas*, 2018, 71p. [Documento interno].
- MUHM. *Plano Museológico*, 2014, 74p. [Documento interno].

MUHM. *Regimento Interno*, 2012, 8p. [Documento interno].

NOVO QUADRO... Novo Quadro dos Quarteirões sanitários. *Correio do Povo*, p.2 5 nov. 1918.

OFÍCIO. Ofício. *Correio do Povo*, p.1, 2 nov. 1918.

PEQUENAS NOTAS. Pequenas notas. *Correio do Povo*, p.1, 17 out. 1918.

RELATÓRIO DA SECRETARIA DO INTERIOR Apresentado ao Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. 30 de agosto de 1919, 1º Vol., p.16. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRS SIE 3.031)

REVISTA MÁSCARA, n.39, 9 nov. 1918.

SERRES, Juliane Conceição Primon; QUEVEDO, Éverton Reis; POMATTI Angela Beatriz; KULZER, Gláucia Giovana Lixinski de Lima. A preservação da memória médica: o lugar do Museu de História da Medicina do Rio Grande do Sul. In: QUEVEDO, Éverton (org.); POMATTI, Angela Beatriz (org.). *A Medicina no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Evangraf. 2016.

TOTTA, Mario. A influenza Hespânica. *Correio do Povo*, p.4, 23 out. 1918.

TURRA, Renan. De olho no Passado. *Zero Hora*. 26 jan. 2018. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gauchao/noticia/2018/01/cem-anos-depois-tres-clubes-buscam-ter-reconhecido-o-titulo-estadual-de-1918-cjcwfoo6r04qn01phz33byeu0.html>>. Acesso em 22 abr. 2020.

VÁRIAS... *Várias: Influenza Espanhola*. A Federação, p.4, 31 out. 1918. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=388653&pesq=>>> Acesso em 17 abr. 2020.